

ADM. 105

ORLANDO CALIMAN



Em 2050, o mundo atingirá a taxa de 80% de urbanização, que equivale à que temos no Brasil atualmente. A população total deixará de crescer

O mundo será urbano

O homem está se tornando cada vez mais um urbanoide. Os urbanoides já compõem mais de 50% do total da população do planeta Terra. E a tendência é de que rapidamente a grande maioria das pessoas esteja morando em cidades, e boa parte em megacidades. É possível prever que em 2050 o mundo atingirá a taxa de 80% de urbanização, que equivale à que temos no Brasil atualmente. Até lá também a população total deixará de crescer, e será mais velha. Chegaremos ao fim do crescimento populacional, com várias implicações, seja no campo da economia, da política, do meio ambiente, de hábitos e de costumes.

Fazer projeções sobre como será o futuro nunca foi tarefa fácil. Mas, sempre é possível desenvolver metodologias que consigam detectar aquelas tendências mais constantes, visíveis e previsíveis. É dessa maneira que algumas trajetórias que caracterizam certas dimensões-chave podem ser mensuradas, sem incorrer-se em erros exagerados. Podem ser incluídas nessa categoria variáveis de natureza demográfica, tais co-

mo crescimento da população, taxa de fecundidade, de envelhecimento etc. São tendências nítidas observáveis como a queda da fecundidade média e da taxa média de crescimento da população, com consequente envelhecimento das pessoas.

Simuladas essas tendências no tempo, e nesse caso nem precisa fazer uso de modelos sofisticado de extrapolação, fica razoável admitir-se que a população mundial começará a decrescer antes da metade do século XXI, despachando previsões que indicavam crescimento ilimitado.

A hipótese do “fim do crescimento populacional” não encontrava respaldo até bem pouco tempo. Sustentá-la agora talvez fizesse Thomas Malthus – economista e demógrafo inglês – revolver-se no túmulo. Foi Malthus, que no início do século XIX defendeu a tese de que tendencialmente o mundo estaria ameaçado de colapso. E a explicação dele para isso era de que a população crescerá sempre à frente do crescimento dos meios de existência. Ou seja, no limite, chegaríamos a uma situação de superpopulação e incapacidade de produção de alimentos para satisfazer as necessidades.

Mas, o que importa mesmo é ter um razoável grau de certeza em relação a

essas mudanças mais previsíveis e visíveis, e a partir delas derivar prováveis cenários para outras dimensões. Ou seja, mudanças demográficas terão implicações no campo da economia, das estruturas e organização das cidades, da política e da geopolítica, dos hábitos e costumes, e do meio ambiente, dentre outros.

Nessa linha de explorar o futuro, a revista EU&, do jornal Valor, na edição do último fim de semana trouxe em matéria de capa uma discussão interessante sobre “A vida como ela será”. São incursões feitas a partir de inúmeros trabalhos exploratórios sobre o tema, com cenários sobre como será o mundo nos próximos 40 anos. E dentre esses trabalhos, o que nos pareceu mais consistente e que também serviu de base para a matéria é o do climatólogo norueguês Jorden Randers. Ele faz previsões econômicas, demográficas, polí-

As pessoas trabalharão mais em suas casas, as férias serão “picadas” no decorrer do ano, as cidades serão mais verticalizadas

ticas e climáticas para esse período.

Aliás, Randers já havia participado da elaboração de estudo semelhante como membro do famoso Clube de Roma, em 1972, e que recebeu o título de “Os Limites do Crescimento”. Esse documento gerou grande impacto na época e também polêmicas. As previsões e extrapolações nele contidas chamavam a atenção para um cenário muito sombrio, inclusive até de colapso da economia mundial por conta do esgotamento de recursos não renováveis.

Agora, porém, ele apresenta um trabalho mais comportado, menos catastrófico, mais realista; e também feito para o mesmo Clube de Roma. Para ele, a população mundial começará a decrescer em 2042, e o Brasil antes; as pessoas trabalharão mais em suas casas, as férias serão “picadas” no decorrer do ano; as cidades serão mais verticalizadas; os subúrbios cederão lugar aos centros de cidades; taxa de investimento em alta por conta da necessidade de readequações de infraestrutura.

E o que mais interessa: o crescimento econômico será tendencialmente sempre menor, podendo chegar à estagnação; e produtividade também menor. Será que o Brasil está querendo antecipar-se ao tempo, nesse caso específico?